



Cofinanciado por:



RELATÓRIO FINAL

DA

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO INTERNA

ESCOLA SECUNDÁRIA DE INÊS DE CASTRO

2018 – 2019

De acordo com o previsto no seu Regimento Interno, a Comissão de Avaliação Interna (CAI) procede agora à apresentação do Relatório Final referente ao ano letivo 2018/2019, que, depois de posto à consideração do Conselho Pedagógico e do Conselho Geral, sugerimos seja divulgado junto de toda a comunidade escolar.

O presente Relatório, o último elaborado por esta equipa, obedeceu, uma vez mais, aos objetivos gerais da avaliação interna, na medida em que, como foi sempre nosso imperativo, pretendeu-se atingir a melhoria permanente da avaliação, quer como instrumento de diagnóstico regulador e promotor da qualidade, quer como instrumento de reflexão crítica partilhada, perseguindo em permanência a consolidação do processo de autoavaliação.

Tal como foi hábito ao longo de vários anos, as linhas orientadoras deste último Relatório são as decorrentes do Referencial de Autoavaliação Interna (RAI), definido por esta equipa para a Escola Secundária de Inês de Castro (ESIC), naturalmente depois de acordados com o Diretor os Domínios, os Campos de análise e os Parâmetros a analisar. Por forma a dar prossecução aos objetivos propostos, esta CAI desenvolveu o seu trabalho seguindo a metodologia definida desde a elaboração do RAI, em 2011-2012, como a seguir se especifica.

1. No que respeita ao domínio **Resultados**, procedeu-se à análise documental relativa aos campos:
 - 1.1 **Resultados académicos**, de acordo com o previsto no critério “Percentagem de sucesso” e em função dos indicadores “Alunos que transitaram/admitidos a exame” e “Diferencial entre avaliação interna/externa”;
 - 1.2 **Resultados sociais**, considerando os critérios “Percentagem de sucesso pessoal” e “Cumprimento de regras”, segundo os indicadores “Alunos que entraram no ensino superior” e “Dados do Programa de combate à indisciplina”, a que acrescem informações recolhidas especificamente a partir dos questionários aplicados aos professores e aos assistentes.
2. Por outro lado, o foco de análise centrou-se no domínio **Prestação de serviço educativo**, pelo que nos questionários aplicados aos docentes se visava a recolha de informação no âmbito dos campos:
 - 2.1 **Planeamento e articulação**, de acordo com critério “Trabalho colaborativo” e em função do indicador “Práticas de diferenciação pedagógica”;

2.2 Práticas de ensino, com vista à aferição dos critérios “Adequação” e “Eficácia”, no âmbito do indicador “Medidas de apoio”.

3. Finalmente, no domínio **Liderança e gestão**, contou-se com o contributo de toda a comunidade escolar, ou seja, pessoal docente, discentes, encarregados de educação (EE), assistentes técnicos e assistentes operacionais (AT/AO). Embora tendo sido aplicados questionários que consideram campos distintos, na medida em que os destinatários eram também distintos, todos eles visavam aferir o indicador “Grau de satisfação interna e externa”, de acordo com o que se segue:

3.1 no caso do pessoal docente, consideraram-se dois campos: **Liderança**, aí se considerando os parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”, e **Gestão**, considerando-se o parâmetro “Horários e distribuição de serviço”;

3.2 no que a alunos, EE e AT/AO diz respeito, e dentro do campo **Gestão**, os critérios em análise foram “Práticas de organização”, “Adequação” e “Eficácia”.

Recorde-se ainda que, quer nos questionários direcionados aos docentes quer nos direcionados aos assistentes, foi também considerado o campo **Resultados sociais**, concretamente no que ao critério “Cumprimento de regras” respeita.

Atendendo a que o seu plano de ação prevê a consolidação dos mecanismos de autoavaliação, a CAI procurou desde sempre desenvolver uma metodologia com características de investigação/ação para, através de conhecimento tão fundamentado quanto possível, tentar propiciar intervenções mais adequadas e eficientes, de modo a procurar criar as condições necessárias à mudança e/ou melhoria que se deseja. Para além da análise documental e dos questionários aplicados, também os contactos não intencionais e informais continuaram a ser uma metodologia considerada, na medida em que permitem ter uma visão mais alargada da escola no seu todo. Por isso mesmo, algumas das reflexões apresentadas resultam, precisamente, da aplicação desta metodologia.

Finalmente, convirá recordar o que sempre se frisou desde o primeiro relatório – à CAI apenas compete apresentar dados e eventuais sugestões que abram perspetivas sobre caminhos a seguir. Saliente-se que, para isso e com o objetivo de melhorar o seu desempenho, sempre contou com todos os contributos dos que entenderem prestá-los, dado que apenas a melhoria dos resultados da ESIC nos norteou. Assim, e na sequência do que neste Relatório se

apresenta, caberá ao Diretor solicitar propostas conducentes a planos de melhoria para os domínios analisados, se entender necessário fazê-lo.

Exatamente por ser este o nosso último relatório, e havendo já outra equipa de avaliação interna em funções, cujas diretrizes desconhecemos, entendemos não ser adequado apresentar sugestões, como sempre fizemos. Não queremos, naturalmente, condicionar o trabalho das colegas, nem impor o que quer que seja a quem quer que seja. Assim, limitar-nos-emos a fazer pequenas chamadas de atenção, aqui ou ali, em função de algumas evidências constatadas, que destacaremos em parágrafos a negrito total.

Dado que, como referimos, este será o último trabalho desenvolvido por esta equipa no âmbito da Avaliação Interna, cumpre-nos agradecer a toda a comunidade escolar a estreita e constante colaboração que conosco manteve, assim como assinalar o respeito manifestado pelo nosso trabalho. Se nem sempre agradámos a todos, convirá recordar que nos limitámos a evidenciar o que os dados mostravam, sem críticas nem chamadas de atenção pessoais, dado não ser esse o nosso papel. Procurámos, disso estamos certas, dar sempre o nosso melhor da única forma que sabemos – com empenho e seriedade.

1. RESULTADOS ACADÉMICOS E SOCIAIS DOS ALUNOS

1.1 Da análise dos **Resultados acadêmicos**, e tendo em conta as taxas de sucesso verificadas na ESIC e a nível nacional (cf. Anexo 1), pode concluir-se que, por comparação, e exatamente como no ano transato, os resultados dos nossos alunos se mantêm abaixo do desejável, seja por ano de escolaridade, seja em relação à percentagem global de sucesso, agudizando-se essa realidade no ano terminal de cada um dos ciclos. É isso mesmo que mostram os quadros abaixo.

ENSINO REGULAR – BÁSICO				
PERCENTAGEM DE SUCESSO POR ANO DE ESCOLARIDADE				% GLOBAL DE SUCESSO
ANO	7º	8º	9º	
ESIC	86,34%	91,3%	75,95%	84,58%
NACIONAL	92,72%	94,93%	93,25%	95,73%

ENSINO REGULAR – SECUNDÁRIO				
PERCENTAGEM DE SUCESSO POR ANO DE ESCOLARIDADE				% GLOBAL DE SUCESSO
ANO	10º	11º	12º	
ESIC	84,65%	89,03%	65,79%	81,53%
NACIONAL	87,14%	92,43%	72,62%	84,31%

No que respeita aos cursos qualificantes, poderemos verificar que, contrariamente ao verificado no ano anterior, a realidade é diferente da do ensino regular. Assim, nos três anos em causa, os resultados estão próximos ou mesmo acima dos nacionais, situando-se a percentagem de sucesso ligeiramente abaixo.

CURSOS QUALIFICANTES				
PERCENTAGEM DE SUCESSO POR ANO				
CURSO	PROFISSIONAL			% GLOBAL DE SUCESSO
ANO	1º ano	2º ano	3º ano	
ESIC	98,15%	100,00%	79,31%	89,62%
NAC.	98,21%	99,08%	73,62%	91,1%

EXAMES NACIONAIS

Antes de olharmos para os dados relativos à avaliação interna e externa, por forma a melhor perceber o desempenho dos nossos alunos, convirá recordar que a comparação dos resultados finais implica alguma falta de rigor, na medida em que os dados facultados pelo Ministério da Educação através do IAVE, não só não distinguem escolas públicas de privadas, como não entram em linha de conta com os resultados esperados, isto é, aqueles que, em função do meio económico, social e cultural em que estão inseridos, seria expectável que os alunos obtivessem. Por isso mesmo, e **face à parcialidade dos dados de que dispomos, quer parecer-nos ser necessária uma certa “reserva” nas leituras que se fazem.** Daí a nossa chamada de atenção.

ENSINO BÁSICO

Em função dos resultados obtidos no 9º ano de escolaridade, deverá salientar-se que, se o desempenho dos nossos alunos na disciplina de Matemática se vinha a revelar preocupante, no ano 2018/19 aconteceu o mesmo em Português, como podemos ver no quadro abaixo. Assim, a percentagem dos alunos que obtiveram nível inferior a três passou de uns já muito elevados 59%, na classificação interna (CI), para 76%, na externa (CE), no caso da primeira disciplina, e de uns quase residuais 3%, na CI, para uns preocupantes 46%, na CE, no caso da segunda.

DISCIPLINAS	9º ANO									
	DIFERENÇA ENTRE A CLASSIFICAÇÃO INTERNA (UNIVERSO DE 118 ALUNOS) E A CLASSIFICAÇÃO DE EXAME (UNIVERSO DE 117 ALUNOS) PERCENTAGEM DE NÍVEIS < 3 (CI E CE) NOS TRÊS ÚLTIMOS ANOS									
	NÍVEL ≥ 3	NÍVEL < 3	NÍVEL ≥ 3	NÍVEL < 3	% DE NÍVEIS < 3					
	CI		CE		CI	CE	CI	CE	CI	CE
				2016/17		2017/18		2018/19		
PORTUGUÊS	115	3	63	54	25%	37%	25%	24%	3%	46%
MATEMÁTICA	49	69	28	89	27%	79%	58%	86%	59%	76%

Face a estes dados, importará refletir sobre o diferencial considerável entre o número de **alunos admitidos a exame com nível igual ou superior a três** e os que **obtiveram o mesmo resultado em exame**.

Para isso, espera-se, contribuirá o quadro que se segue, do qual se conclui que, dos alunos admitidos a **Português** nas condições referidas foi de **55%** a percentagem dos que obtiveram **nível positivo**, sendo essa percentagem de **57%** no caso de **Matemática**.

TURMAS	PORTUGUÊS		MATEMÁTICA			
	ADMITIDOS COM NÍVEL ≥ 3	OBtiverAM NÍVEL ≥ 3 EM EXAME	ADMITIDOS COM NÍVEL ≥ 3	OBtiverAM NÍVEL ≥ 3 EM EXAME		
A	15	10	7	5		
B	15	12	9	6		
C	16	11	6	7		
D	14	9	7	5		
E	18	9	8	1		
F	20	8	6	2		
G	17	4	6	2		
TOTAL	115	Nº	%	49	Nº	%
		63	55%		28	57%

ENSINO SECUNDÁRIO (Anexos 2 – 1ª fase; Anexos 3 – 2ª fase)**11º ANO**

Em função do desempenho dos alunos nas nove disciplinas abaixo consideradas, os dados percentuais de reprovações nas duas fases são os que poderemos ver no quadro que se segue (entre parêntesis, por baixo do nome da disciplina, surge o número de alunos que realizaram exames em cada uma das duas fases).

11º ANO – PERCENTAGENS DE REPROVAÇÕES (1ª E 2ª FASES)				
FASES	DISCIPLINAS E NÚMERO DE PROVAS REALIZADAS POR FASE			
	FÍS E QUÍM. A (1ª-59/2ª-33)	BIOL E GEOL. (1ª-42/2ª-15)	MACS (1ª-20/2ª-5)	GEOGRAFIA A (1ª-57/2ª-15)
1ª	35,6%	7,1%	5,0%	3,5%
2ª	48,5%	20,0%	20,0%	6,7%

FASES	LIT PORT. (1ª-22)	FRANCÊS (1ª-31/2ª-2)	GEOMETRIA DESCRITIVA A (1ª-15/2ª-4)	FILOSOFIA (1ª-20/2ª-1)	ECONOMIA A (1ª-14/2ª-3)
1ª	4,5%	3,2%	20%	5%	14,3%
2ª	---	0%	75%	0%	33,3%

Considerando agora a diferença entre a Classificação interna final (CIF) e a Classificação de exame (CE) ocorrida nestas disciplinas de 11º ano, verifica-se haver um relativo diferencial em algumas delas, de acordo com o quadro que se segue.

11º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CE (EM PONTOS) (1ª E 2ª FASES)				
FASES	FÍS E QUÍM. A	BIOL E GEOL.	MACS	GEOGRAFIA A
1ª	6,2	3,9	5,7	4,8
2ª	6,5	4,8	5,9	1,9

FASES	LIT PORT.	FRANCÊS	GEOMETRIA DESCRITIVA A	FILOSOFIA	ECONOMIA A
1ª	2,8	2,5	5,0	6,3	4,5
2ª	---	1,1	7,1	5,1	3,8

Destas oscilações resultam, naturalmente, pequenas diferenças percentuais entre a CIF e a classificação final da disciplina (CFD), que se registam.

11º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CFD (EM PONTOS) (1ª E 2ª FASES)				
FASES	FÍS E QUÍM. A	BIOL E GEOL.	MACS	GEOGRAFIA A
1ª	1,7	1,0	1,6	1,0
2ª	1,7	1,1	1,6	0,5

FASES	LIT PORT.	FRANCÊS	GEOMETRIA DESCRITIVA A	FILOSOFIA	ECONOMIA A
1ª	0,6	0,6	1,4	1,8	1,1
2ª	----	0,5	2,0	1	0,7

12º ANO

Em relação aos exames nacionais deste ano de escolaridade, destaca-se o facto de, na 2ª fase, a percentagem global de reprovações ter sido bastante elevada em duas das três disciplinas envolvidas, assim como o de não ter havido reprovações na disciplina de História A.

12º ANO – PERCENTAGENS DE REPROVAÇÕES (1ª E 2ª FASES)			
FASES	DISCIPLINAS E NÚMERO DE PROVAS REALIZADAS POR FASE		
	PORTUGUÊS (1ª-92/2ª-13)	MATEMÁTICA A (1ª-57/2ª-24)	HISTÓRIA A (1ª-36/2ª-4)
1ª	4,3%	8,8%	0%
2ª	23,1%	16,7%	0%

Da análise comparativa entre a CIF e a CE nas duas fases de exames, percebe-se ter ocorrido um ligeiro diferencial, nalguns casos pouco significativo.

12º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CE (EM PONTOS) (1ª E 2ª FASES)			
FASES	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA A	HISTÓRIA A
1ª	1,2	3,0	3,1
2ª	2,8	2,9	0,9

Assim, e em função dos dados acima, as diferenças percentuais entre a CIF e a CFD nas três disciplinas em que os alunos estiveram sujeitos a exame nacional são aquelas de que a seguir se dá conta.

12º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CFD (EM PONTOS) (1ª E 2ª FASES)			
FASE	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA A	HISTÓRIA A
1ª	0,3	0,6	0,6
2ª	0,8	0,5	0,3

Em síntese, quer parecer-nos que o desempenho global dos alunos da ESIC em exame continua a não ser dos melhores, embora com variações numa ou noutra disciplina. Porém, convirá recordar que, por um lado, a avaliação interna inclui Instrumentos de verificação e critérios de referência que, naturalmente, estão ausentes da avaliação externa e, por outro, o desempenho dos alunos em situação de exame, por condicionantes diversos, nem sempre corresponde ao expectável. De qualquer modo, sendo nosso objetivo a melhoria constante dos resultados, há que procurar reduzir o diferencial que se verifica entre a avaliação interna e a externa.

1.2 No que aos **Resultados sociais** concerne, e tendo como base o documento “Resultados do Concurso Nacional de Acesso 2019” (Anexo 4 – 1ª fase e Anexo 5 – 2ª fase), verifica-se um agravamento em relação aos dados do ano 2017/2018, em que a percentagem de alunos colocados na **1ª fase** foi de 82%, contra **74%** no ano a que este Relatório reporta. O mesmo acontece em relação à **2ª fase**, dado que no ano transato 36% dos alunos que se candidataram foram colocados, percentagem que é agora de **28%**.

FASES	CANDIDATURAS	COLOCADOS					
		TOTALIS		POR OPÇÃO			
		Nº	%	1ª opção		2ª opção	
				Nº	%	Nº	%
1ª	77	57	74%	30	53%	13	23%
2ª	32	9	28%	2	22%	3	33%

Ainda no âmbito dos **Resultados sociais**, centremo-nos nos dados do Programa de combate à indisciplina (PCI) – Anexo 6 –, mais concretamente no que ao critério “Cumprimento de regras” diz respeito, começando por recordar as três “tipologias de indisciplina” consideradas pelo Programa em causa (o negrito é nosso).

Tipo 1 – «Perturbações que afetam o normal desenvolvimento da aula e que se traduzem pelo **incumprimento das regras** necessárias ao adequado funcionamento da aula.»

Tipo 2 – «Problemas nas **relações entre alunos**, que se traduzem em conflitos verbais que afetam a dignidade e o bem-estar dos colegas.»

Tipo 3 – «Conflitos nas **relações professor/aluno**, que dizem respeito a problemas que colocam em causa a dignidade do professor, como profissional e como pessoa.»

Para proceder a uma mais profícua reflexão sobre os resultados atuais, opta-se por continuar a estabelecer uma relação com os dos anos transatos, considerando-se, assim, os dados relativos aos últimos três anos, de que a seguir se dá conta.

OCORRÊNCIAS	PCI		
	2016/17	2017/18	2018/19
NÚMERO TOTAL	572	393	150

Da observação do quadro, destaca-se a tendência de **melhoria do total de ocorrências**, que, por ser gradual, se tem vindo a revelar consistente, como desejável.

Vejamos agora como se distribuem as várias ocorrências por tipologia/ano de escolaridade, para o que se deverá atentar no quadro abaixo, no qual também se incluem os dois últimos anos letivos.

Recorde-se que desde o ano anterior os dados recolhidos pelo PCI passaram a ser agrupados por ciclo, não sendo, por isso, possível fazer uma leitura por ano de escolaridade. No entanto, e de forma a facultar esse conhecimento, o Anexo 6, para além do quadro global de ocorrências, contém ainda os quadros por ano de escolaridade, assim como por sexo, que nos pareceu interessante nestes tempos em que tanto se fala de igualdade de género. Saliente-se que o 11º ano foi o único em que não houve qualquer ocorrência.

ALUNOS ENCAMI- NHADOS PARA O PCI	OCORRÊNCIAS								
	TIPO 1			TIPO 2			TIPO 3		
	2016/17	2017/18	2018/19	2016/17	2017/18	2018/19	2016/17	2017/18	2018/19
7º ANO	229			21			8		
8º ANO	159			13			3		
9º ANO	118			4			11		
SUBTOTAL	506	166	65	38	21	4	22	123	54
10º ANO	4			0			1		
11º ANO	0			0			0		
12º ANO	1			0			0		
SUBTOTAL	5	32	22	0	2	1	1	49	4
TOTAL	511	198	87	38	23	5	23	172	58

Da observação do quadro acima, o que ressalta de imediato é a **grande redução de ocorrências de todos os tipos**, o que se regista com muito agrado.

Assim, em função da realidade de que se dá conta, parece-nos importante salientar o bom trabalho feito e esperar que o mesmo continue a dar frutos, de modo a que os problemas se tornem residuais. Para que assim seja, do nosso ponto de vista, continuará a ser fundamental o envolvimento e empenho de toda a comunidade educativa, aí se incluindo, como não poderia deixar de ser, os encarregados de educação. Só assim, como sabemos, será possível que os resultados escolares dos alunos melhorem significativamente e de forma sustentada, como todos desejamos.

Numa tentativa de termos uma outra visão das ocorrências escolares, apresentamos agora os resultados obtidos através dos questionários dirigido aos **docentes** e aos **AT/AO** (cf. Anexos 7/8 e 13/14), que espelham a **visão** dos mesmos sobre os nossos **alunos** no que ao critério **“Cumprimento de regras”** diz respeito. Recorde-se que a variável **“Não sei”**, presente em duas das cinco questões colocadas aos assistentes, resulta do facto de ser difícil aos AT manifestar conhecimento sobre alguns dos parâmetros em análise.

OS ALUNOS...	DOCENTES		ASSISTENTES		
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	N/ SEI
TÊM BOM COMPORTAMENTO	30%	70%	22%	78%	---
RESPEITAM OS PROFESSORES	46%	54%	30%	57%	13%
RESPEITAM OS ASSISTENTES	41%	59%	74%	26%	---
RESPEITAM-SE ENTRE SI	27%	73%	39%	61%	---
RESPEITAM OS EQUIPAMENTOS	25,5%	74,5%	17%	78%	5%

Como se pode perceber pelos dados do quadro acima, de acordo com a visão dos docentes e dos assistentes, o comportamento dos alunos em geral continua a não ser dos melhores, pelo que há que continuar a atuar a este nível. Saliente-se, a propósito, que, no que respeita ao tratamento das questões disciplinares, se no ano 2016/2017 a percentagem de docentes que considerava que estas eram tratadas da melhor forma era de 53% essa percentagem passou no ano transato para 75%, sendo agora de 65%, o que parece revelar-se algo preocupante e motivo para reflexão por quem de direito.

2. PRESTAÇÃO DE SERVIÇO EDUCATIVO

Com o questionário aplicado a todos os docentes em serviço na ESIC (Anexo 7), pretendeu-se, por um lado, aferir o grau de satisfação com as diferentes lideranças, dados sobre os quais nos centraremos no ponto seguinte, e, por outro, conhecer melhor a realidade profissional do nosso corpo docente, para além de procurar monitorizar o Domínio “Prestação de serviço educativo”, seja através do Campo “Planeamento e articulação”, no âmbito do trabalho colaborativo, seja através dos dados relativos ao Campo “Práticas de ensino”. É dos dados obtidos que a seguir daremos conta (cf. Anexo 8).

No que à situação profissional e ao tempo de serviço dos docentes diz respeito, do quadro abaixo confirma-se aquilo que já sabíamos – **a ESIC tem um corpo docente muito estável e já com muita experiência profissional.**

TOTAL 110	SITUAÇÃO PROFISSIONAL	QUADRO DE ESCOLA	QZP	OUTRA
		80%	13%	7%
	TEMPO DE SERVIÇO	MAIS 20 ANOS	11-20 ANOS	MENOS 10 ANOS
		83%	15%	2%

2.1 No que respeita ao **Planeamento e articulação**, no âmbito do **trabalho colaborativo**, saliente-se que a grande maioria dos docentes o avalia positivamente no que respeita aos diferentes parâmetros considerados, a saber: **“Discutir estratégias de diferenciação pedagógica”** (níveis 3 a 5 para 89% dos inquiridos), **“Procurar soluções para minimizar o insucesso escolar”** (níveis 3 a 5 para 91% dos inquiridos), **“Analisar e refletir sobre práticas letivas”** (níveis 3 a 5 para 91% dos inquiridos), **“Partilhar experiências e práticas docentes”** (níveis 3 a 5 para 91% dos inquiridos).

2.2 Também muito positivos são os dados respeitantes a **Práticas de ensino**, mais especificamente às **“Práticas na sala de aula”**, na medida em que é de **91%** a percentagem dos docentes que **diz que «as suas práticas em sala de aula refletem o trabalho desenvolvido em pares»** (recorde-se que no já “longínquo” ano de 2014/15 essa percentagem situava-se nuns muito pouco ambiciosos 57%).

Face aos dados apresentados, quer parecer-nos que o trabalho colaborativo continua a revelar-se uma mais-valia, pelo que há que não descorar esta prática, que se tem vindo a afirmar de uma forma muito consistente.

3. LIDERANÇA E GESTÃO

Como um dos objetivos da avaliação interna é a melhoria aos mais diversos níveis, a CAI tem aplicado questionários aos docentes da ESIC, assim como aos alunos, encarregados de educação (EE), AT e AO, centrando-se em aspetos cuja avaliação global tem vindo a evidenciar-se menos positiva e no âmbito dos quais foram sugeridos e, eventualmente, desenvolvidos planos de melhoria.

A. PESSOAL DOCENTE

Visando aferir o grau de satisfação relativamente aos domínios “Liderança e gestão”, com base nos campos “Liderança” (parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”) e “Gestão” (parâmetro “Horários e distribuição de serviço”), passamos a dar conta dos resultados obtidos através do questionário aplicado junto do pessoal docente que no ano 2018/19 prestava serviço na ESIC (Anexo 7).

Refira-se que o universo em causa é de **110 docentes (18% de Ciências Sociais e Humanas, 21% de Expressões, 28% de Línguas e 33% de Matemática e Ciências experimentais)**, dos quais **44%** desempenhava funções de **diretor de turma (DT)**, **39%** no ensino **básico** e **61%** no **secundário**.

Observemos, então, os dados recolhidos (cf. Anexo 8).

3.1 LIDERANÇA / GESTÃO

A. LIDERANÇA

Em função dos parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”, e com o objetivo de facilitar a análise da evolução dos dados neste campo, continuamos a optar por apresentar um quadro, com os resultados do ano a que reporta o presente Relatório, mas também com os dos dois anos transatos. Recorde-se que os anos 2017/2018 e 2018/2019 respeitam às atuais lideranças a nível de Direção, Coordenação de Departamento e Coordenação de DT, sendo que em relação às Coordenações de disciplina só

o ano 2018/2019 corresponde a novos elementos, já que no ano anterior os coordenadores das diferentes disciplinas se haviam mantido.

Da observação dos dados sobressai o facto de que, quando comparado com o ano 2017/2018, o desempenho da Direção é agora avaliado de forma diferente, com uma redução nas avaliações correspondentes aos níveis quatro e cinco e um aumento do nível três, o mesmo se passando com a Coordenação de DT. No que respeita às coordenações de Departamento e de Disciplina verifica-se a tendência inversa.

Vejamos, então, como eram os dados relativos aos anos 2016/17 (correspondente à Direção anterior, recorde-se) e 2017/18 (primeiro ano da atual Direção) e o que mostram os de 2018/2019.

CAMPO: LIDERANÇA	CAPACIDADE DE								
	LIDERANÇA			DIÁLOGO			MOBILIZAÇÃO		
	2016/17	2017/18	2018/19	2016/17	2017/18	2018/19	2016/17	2017/18	2018/19
DIREÇÃO	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	58%	75%	67%	74%	84%	80%	61%	70%	63%
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	30%	14%	26%	17%	9%	12%	24%	19%	26%
COORDENAÇÃO DE DEPARTAMENTO	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	76%	82%	85,5%	83%	85%	87%	75%	74%	81%
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	19%	14%	12%	15%	12%	10%	20%	18%	16%
COORDENAÇÃO DE DISCIPLINA	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	83%	77%	87%	88%	84%	88%	81%	77%	84%
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	16%	20%	8%	10%	14%	8%	16%	20%	9%
COORDENAÇÃO DE DT	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	90%	89,5%	85%	91%	91%	89%	91%	85,5%	81%
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	5%	10,5%	13%	3%	9%	9%	3%	14,5%	17%

B. GESTÃO

No âmbito deste campo, auscultados os docentes sobre os parâmetros “Horários e distribuição de serviço”, verifica-se o seguinte:

- é de **74%** a percentagem de docentes que está **bastante ou muito satisfeita com a distribuição de serviço**, (no ano transato esta percentagem correspondia a 80%), estando **12% pouco ou nada satisfeitos** (contra apenas 6% no ano 1017/1018) e **14% medianamente satisfeitos**;
- quanto ao **número de níveis atribuídos**, é de **73%** a percentagem de docentes que está **bastante ou muito satisfeita** (em linha com o ano anterior, visto que essa percentagem correspondia a 74%), mas passou de 7% para **14%** a dos que dizem estar **pouco ou nada satisfeitos**;
- no que respeita à **mancha horária semanal**, ela é do **agrado de 75% dos inquiridos e desagrada a 10%** (contra 60%/13% e 62%/53%, respetivamente, em 2017/2018 e 2016/2017).

Tal como nos anos anteriores, quisemos saber **até que ponto cada um dos docentes se revê nesta escola**, sendo que as **respostas** traduzem uma **leitura que nos parece preocupante**. Assim, os dados mostram uma **inversão na percentagem dos que consideram a ESIC a “sua” escola**, já que, se em 2016/2017 essa percentagem era de 71% e no ano transato se situava nos 85%, ela é agora de **77%**; simultaneamente, ocorreu um aumento dos que apenas **se reveem suficientemente** na ESIC, percentagem que passara de 30%, em 2016/2017, para 12%, em 2017/2018, situando-se agora nos **18%**.

Em síntese, o que claramente se percebe dos dados obtidos é que, no que ao indicador “Grau de satisfação interna” diz respeito, se registou um agravamento nos resultados, provavelmente em função de alterações implementadas. Por outro lado, quer parecer-nos que os dados relativos à sensação de “pertença” à ESIC deverão também conduzir a alguma reflexão, na medida em que, recordemo-lo, 80% do universo de respostas corresponde a docentes que são do quadro da ESIC, sendo que 83% tem mais de 20 anos de serviço. Chama-se, por isso mesmo, a atenção para a necessidade de valorizar os docentes, elementos centrais na persecução de uma escola de qualidade, como se pretende, sem os sobrecarregar com trabalho cujo objetivo nem sempre se vislumbra.

3.2 A exemplo dos anos anteriores e dos dados obtidos através dos questionários aplicados a alunos, EE e AT/AO no que respeita ao campo **Gestão**, continuou a pretender-se aferir a evolução em relação aos critérios “Práticas de organização” e “Eficácia”, assim como ao subsequente indicador “Grau de satisfação interna e externa” dos três grupos em causa.

Vejamos, então, os resultados obtidos e as eventuais alterações em relação ao(s) ano(s) anterior(es).

B. ALUNOS

Como vem sendo hábito, no questionário aplicado aos alunos (Anexo 9), e com vista à determinação do indicador “Grau de satisfação interna”, foram considerados os parâmetros “Limpeza” (das salas de aula, dos wc, do pavilhão gimnodesportivo e dos espaços exteriores), “Funcionamento” (do bufete e do refeitório), “Segurança dos alunos no interior da ESIC” e “Controlo na portaria”, assim como “Roteiros d’escrita” (RE), apenas para os alunos do 9º ano, e “Sala de estudo” (SE).

Considerando os dados obtidos (cf. Anexo 10) através das respostas dos **325 discentes** (menos 39 do que no ano transato), verifica-se que **53%** dos inquiridos é do **sexo feminino**, logo, **47%** do **masculino**, sendo que **39%** frequenta o ensino **básico** (todos no ensino regular) e os restantes **61%** o **secundário** (70% no regular e 30% no profissional).

Observemos agora os resultados relativos aos parâmetros-alvo, que se têm vindo a revelar de resolução mais complexa.

1. Grau de satisfação dos alunos em relação a

A. Limpeza

- a) das salas de aula** – continua a ser de apenas **24%** a percentagem dos alunos que está **muito ou totalmente satisfeita**, sendo que **43%** dos alunos se consideram **satisfeitos** (contra 46% no ano 2017/18) e **33%** insatisfeitos;
- b) dos wc** – os resultados revelam que é de **26%** a percentagem dos que dizem estar **muito ou totalmente satisfeitos** (evidenciando um agravamento em relação ao ano anterior, quando essa percentagem era de 34%), estando **satisfeitos 41%** dos

inquiridos (no ano anterior tal percentagem correspondia a 42%) e **insatisfeitos 33%** (contra 24% no último ano);

- c) **do ginnodesportivo** – neste parâmetro os resultados sofreram pela primeira vez um ligeiro agravamento, visto que **56%** dos alunos afirmam estar **muito ou totalmente satisfeitos** (contra 59% em 2017/18) e **32%** dizem estar **satisfeitos**, percentagem que era de 29% no ano anterior;
- d) **dos espaços exteriores** – a percentagem dos alunos que se dizem **muito ou totalmente satisfeitos** é um pouco pior do que no ano transato, dado que corresponde **40%** (contra 42% em 2017/2018), tendo a dos que se dizem **satisfeitos** passado de 40% para **42%**;

Em função dos resultados, percebe-se que as condições de limpeza interior e exterior continuam a ser um problema, facto a que, como sabemos, não é alheia a falta de AO com que a ESIC se tem vindo a debater.

Centremo-nos agora nos resultados apurados em relação ao bufete e ao refeitório escolar, sugerindo-se uma leitura atenta das razões que, tanto em relação a um como em relação ao outro, suscitam o desagrado manifestado pelos alunos (Anexo 10).

B. Funcionamento

- a) **do bufete** – passou de 42% para **47%** a percentagem de alunos se consideram **muito ou totalmente satisfeitos** com o funcionamento do bufete (embora abaixo dos 49% do ano 2016/2017), sendo que a principal razão de queixa continua a prender-se com **o tempo de espera (75% contra 78% no ano anterior)**.

Uma vez mais, e a exemplo do que tem acontecido nos anos anteriores, importa salientar o seguinte: em relação ao funcionamento do refeitório escolar, pediu-se que só os alunos que efetivamente frequentam esse serviço respondessem ao parâmetro “Funcionamento do refeitório”, pedido que se incluiu no questionário. Espera-se que esta recomendação tenha sido respeitada, embora não seja possível apurar se tal aconteceu ou não.

- b) **do refeitório escolar** – apesar dos esforços empreendidos, **o serviço prestado pelo refeitório continua a não ser do agrado dum parte muito significativa dos nossos alunos**, sendo de registar o facto de, em relação ao ano transato, ter ocorrido um **agravamento significativo no grau de insatisfação**.

Vejamos as oscilações que os dados do quadro abaixo permitem perceber.

Grau de (in)satisfação				
Evolução das percentagens de avaliações entre os níveis 1 e 3				
2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19
75%	73%	80%	70%	75%

Importa, agora, tentar saber também o motivo ou motivos da insatisfação manifestada pelos alunos, para o que se consideraram também os resultados apurados desde 2014/15.

Motivos de insatisfação			
Ano letivo	Qualidade da confeção	Quantidade servida	Tempo de espera
2018/19	60,5%	28%	21,5%
2017/18	67,5%	12%	16,5%
2016/17	67%	11%	9%
2015/16	53%	20%	19%
2014/15	58%	20%	10%

Daqui se percebe que se a qualidade da confeção melhorou, já em relação à quantidade servida e ao tempo de espera, ao que parece, houve um agravamento.

Assim, sugere-se a leitura atenta das queixas explicitadas em resposta aberta (cf. Anexo 10).

Face às informações recolhidas, parece ser importante continuar a repensar os dois serviços em causa, fazendo as alterações que se considerem mais convenientes, por forma a tentar que o grau de satisfação dos alunos atinja um nível desejável.

C. Segurança

Em relação à segurança dentro da ESIC, verifica-se que o **grau de satisfação** dos alunos **se agravou ligeiramente**, dado que apenas **55%** está **muito ou totalmente satisfeito** com a segurança (tal percentagem era de 70% no ano transato e de 63% no anterior), sendo de **28%** a percentagem dos que estão **satisfeitos** (contra **23%** em 2017/2018).

Quando questionados sobre as razões pelas quais não estão satisfeitos com a segurança na ESIC, **62%** dos alunos salienta a **pouca vigilância nos espaços de recreio** (contra 58% no ano transato e 50% em 2016/2017), enquanto **19%** refere a **falta de controlo**

nas saídas/entradas, o que revela um agravamento em comparação com os 10% no ano anterior e os 14% em 2016/2017.

Aliás, a este respeito, sugere-se, uma vez mais, a leitura atenta das respostas abertas dadas pelos alunos, nas quais são referidas, essencialmente, as entradas e saídas de alunos sem cartão, assim como a entrada de elementos estranhos à ESIC (cf. Anexo 10). De resto, quando diretamente questionados, **84%** dos alunos considera que «**A entrada na portaria é controlada de forma eficaz**», pelo que 16% tem opinião contrária.

Face a estes dados, quer parecer-nos que a segurança interna deverá tornar-se alvo de um rigor cada vez maior por quem de direito, único modo de todos, alunos, professores e funcionários nos sentirmos mais seguros dentro da ESIC.

D. Roteiros de escrita (RE) (9º ano)

Sala de estudo (SE)

Como sabemos, quer a disciplina de oferta da escola, quer o espaço de estudo sobre os quais agora nos centramos foram pensados no sentido de complementar e facilitar o desempenho escolar dos alunos. Vejamos, então, como é que estes os encaram.

Quando auscultados sobre o grau de satisfação relativamente aos RE, **53%** dos alunos de 9º ano consideram estar **muito ou totalmente satisfeitos**, percentagem que, embora algo reduzida, é bastante melhor que a do ano anterior, que era então de 49%.

No que respeita à SE, o panorama não é muito melhor, dado que se dizem **muito ou totalmente satisfeitos 58%**, a mesma percentagem que no ano anterior.

Em função dos dados obtidos, continua a parecer-nos evidente a necessidade de envolver alunos e EE, de forma séria e responsável, no processo de ensino e de aprendizagem, dado que, segundo cremos, só assim se poderão vir a obter resultados sustentados e promissores.

C. ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Sendo os EE interlocutores fundamentais para o êxito dos alunos, é neles que centraremos agora a nossa atenção. Antes de mais, consideramos importante referir que o **total de respostas**, que deveria ter sido igual ao dos alunos, isto é, 325, ficou-se pelas **178**, ou seja, **55% do expectável**, o que nos parece muito pouco.

Como habitualmente, o que se pretendia com a aplicação dos questionários direcionados para os EE (Anexo 11) era perceber o conhecimento que estes têm acerca do funcionamento da escola frequentada pelos seus educandos, assim como o grau de satisfação em relação à mesma.

Dos 178 EE que participaram, 28% são de alunos do ensino básico regular, 70% de alunos do secundário regular e 2% de cursos profissionais. A reduzidíssima percentagem de EE quer de alunos do ensino básico, quer de alunos dos cursos profissionais que responderam a este questionário deve deixar-nos a todos, enquanto escola, muito apreensivos em relação ao envolvimento dos mesmos na vida escolar dos seus educandos.

Assim, sugere-se desde já que os DT continuem a atuar de forma firme junto dos EE, alertando-os para a importância do seu envolvimento na vida da escola que é, afinal, o espelho da vida escolar dos seus educandos e o espaço onde se fundarão os alicerces do seu futuro.

Globalmente, o que se verifica (cf. Anexo 12) é que quase todos dizem acompanhar a “vida” da ESIC, sendo que **94%** considera **conhecer bem as regras de funcionamento** e **89%** reconhece que «**Os EE são incentivados a participar na vida da escola**», tendo passado de 73% para **66% a percentagem** dos que **entendem** que «**A escola resolve bem os problemas de indisciplina**».

Quanto ao serviço do **bufete**, o **grau de satisfação** é ligeiramente pior do que o do ano transato, dado que **56%** o considera **bom ou muito bom** (contra os 60% de então), tendo passado de 41% para **42%** a percentagem dos que o consideram **razoável**. Continuam a ser razões para esta “avaliação” particularmente o **tempo de espera (48%)** e a **variedade dos produtos (34%)**.

No que respeita ao serviço prestado pelo **refeitório escolar**, verifica-se que o “**grau de (in)satisfação**” dos EE difere ligeiramente do que foi apurado junto dos alunos, senão, vejamos: **44%** considera-o **mau** (contra 35% dos alunos), **42%** **razoável** (por oposição a

39% dos alunos) e **14%** avalia-o como **bom** ou **muito bom** (vs 26% dos alunos), percentagens que em 2017/18 eram, respetivamente, de 29%, 55% e 16%. Por outro lado, tal como acontecia com os alunos, também para os EE a **qualidade da confeção** é a principal razão de descontentamento apontada, visto que **77%** dos inquiridos a refere em primeiro lugar, o que significa um aumento de 3% em relação ao ano anterior.

Quanto às **condições de higiene** da ESIC, o resultado agora obtido está em linha com a opinião expressa pelos alunos, dado que reflete um agravamento, visto ser de **84%** a percentagem dos EE que considera a escola **limpa** (contra 89% no último ano).

No que à **segurança** diz respeito, o grau de satisfação dos EE é bastante preocupante, visto ter passado de 97% para **84%** a percentagem dos que consideram a ESIC uma escola **segura**. Refira-se que muitos salientam a falta de AO como motivo para essa insegurança.

No entanto, pode concluir-se que uma percentagem ainda considerável de EE continua **muito satisfeita com a escola**, embora a mesma tenha sofrido um revés no último ano, como poderemos ver no quadro abaixo, onde se dá conta da evolução em relação aos que afirmam **gostar que o seu educando frequente a ESIC**.

Grau de satisfação dos EE com a ESIC				
2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19
89%	90%	97%	98%	94%

Creemos que estes dados devem conduzir a uma reflexão por quem de direito, por forma a que a escola retome, a todos os níveis, o crescimento a que vínhamos a assistir em relação ao grau de satisfação por parte dos EE.

D. ASSISTENTES TÉCNICOS (AT) E ASSISTENTES OPERACIONAIS (AO)

Finalmente, centremo-nos nos resultados obtidos a partir do questionário preenchido pelos assistentes da ESIC (Anexo 13), cujo objetivo, tal como o dos anteriores, foi reavaliar parâmetros que se têm vindo a destacar como mais complexos.

Das **23** respostas, no total, dadas pelos **AT** (26%) e **AO** (74%) (cf. Anexo 14), saliente-se que, contrariamente ao que se verificou no ano letivo anterior, a forma como a **informação** circula na escola voltou a ser um problema, dado que apenas **26%** considera que a mesma **circula bem**, contra 62% no ano transato.

Por outro lado, passou de 86% para **65%** a percentagem de assistentes que considera que **os seus «contributos para o funcionamento da escola são valorizados»**, o que traduz uma realidade que deve ser alvo de análise.

Já quanto à **segurança**, a visão dos assistentes melhorou consideravelmente, dado que passou de 52% para **78%** a percentagem dos que consideram a **ESIC** uma escola **segura**. A este resultado não será alheio o facto de que, dentro das limitações a que estão sujeitos, os assistentes sentem que procuram fazer o melhor possível em prol da segurança de todos os que frequentam a ESIC.

Por fim, e apesar de todos os constrangimentos, no que respeita ao grau de satisfação global os nossos assistentes técnicos e operacionais estão muito satisfeitos, dado que é de **96%** a percentagem dos que **afirmam gostar de trabalhar na ESIC** (em 2017/2018 essa percentagem era de 97%, sendo de 92% em 2016/2017). Parece-nos que este sentido de resposta é bastante significativo e indicia uma vontade e predisposição que se nos afiguram muito importantes.

Uma última palavra apenas para dizer que, se os alunos são o “nervo” e a razão de ser de qualquer estabelecimento de ensino, também os assistentes e os docentes são figuras centrais para o bom funcionamento do mesmo. Deste modo, convirá desenvolver todos os esforços para que uns e outros se sintam valorizados e o seu trabalho devidamente reconhecido. Só deste modo poderemos percorrer um caminho que nos conduza ao sucesso pessoal e interpessoal.